



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVI — N.º 406 — Preço 1\$00
3 DE OUTUBRO DE 1959

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA: DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

e

M 1917 surge a revolta do Barué. E foi para lá enviada uma expedição militar, que passou pelo Chinde. Dessa expedição faziam parte alguns rapazes de Lourenço Marques.

No Chinde, à chegada do barco que transportava os expedicionários, compareceu o Américo a bordo onde encontrou um irmão de um dos seus antigos companheiros de república. Pondo-se em contacto com ele, convidou-o a levar para sua casa, onde ficariam até o dia seguinte, data da saída do barco, um ou dois dos seus amigos. Enquanto se esperava pela autorização de desembarque, o Américo foi aumentando o número de convidados para aboletamento em sua casa. Dessa forma, ao desembarque, já havia um grupo de mais de uma dúzia com aquele destino. Foram horas inesquecíveis passadas no Chinde em companhia do Américo, que já não sabia o que fazer para que todos se sentissem satisfeitos e agrada-

Facetas de uma vida

dos. Piadas, anedotas, galhofas, de toda aquela mocidade exuberante de vida, encantada com o tratamento não só dispensado pelo Américo, sempre atento, como de vários residentes do Chinde, amigos dele, que não quiseram deixar de colaborar com ele nas atenções dispensadas aos hóspedes em trânsito.

Houve nessa noite um «jantar de gala», farto e variado, como variadas e fartas eram as bebidas que se consumiram naquela longa mesa armada na varanda. Interessante será aqui referir um facto que dá bem a nota, a juntar a tantas outras, da alma e feitio do Américo. Entre os «aboletados», encontrava-se um rapaz com quem o Américo não simpatizou de início. Por isso, acercou-se do irmão do seu antigo companheiro de república e perguntou-lhe: — «Olhe lá, aquele também é seu amigo?» A resposta afirmativa, confidenciou: — «Desculpe, mas não gosto nada dele». — «Lamento bastante, mas agora o que se há-de fazer?»... — «Bem, já agora, deixe-o ficar, mas não gosto nada dele».

O tal rapaz era um pândego de primeira plana, com imenso espírito, mas que não se tinha ainda manifestado.

No decorrer do «jantar de gala», esse rapaz amigo deu largas ao seu espírito exuberante, fez-nos rir a bandeiras despregadas. E o Américo não era quem ria menos. De tal maneira se agradou que, a certa altura do jantar, se levantou e foi segredar ao ouvido do aboletado a quem expusera antes a sua antipatia pelo rapaz: «Final enganei-me. Simpatizo com ele. Não lhe diga nada...»

Naturalmente, o consumo das bebidas feito à larga e ao desafio, esquentou não pouco as cabeças dos comensais, com exclusão do Américo, muito comedido e compenetrado nas suas responsabilidades.

Findo o jantar, noite avançada, foi toda a tropa dar fundo a um «bar», onde se cantou, se dançou (só pares masculinos), se bebeu. O Américo, sempre atento, acudia aos necessitados até que, alta madrugada, abandonou a «tropa» para a casa do Américo, tendo este carregado pelo menos com um, dos muitos que dificilmente se mantinham em pé sôzinhos. Em casa estava já, por providência do Américo, armada a «caserna». Camas não havia para todos, mas havia nos vários quartos colchões no chão, nos quais se estenderam finalmente os «aboletados», muitos deles vestidos como estavam...

Ao romper da manhã, postos a pé a muito custo, todos «matararam o bicho» e seguiram para bordo, — que se aproximava a hora da partida, — acompanhados do



SETUBAL



AMBÉM os meus rapazes foram passar quinze dias ao mar. Isto impunha-se. Não só razões de saúde e descanso mas sobretudo a necessidade de arejar o isolamento em que vivemos o ano inteiro [fazia nascer-lhes na alma e no corpo a ânsia dumas férias.

Instalados na escola, respectiva cantina e numa casa cedida pela Câmara de Sines os meus quarenta e tal (fizemos dois turnos) foram a grande novidade deste ano na praia alentejana de Porto Covo.

Porto Covo, situada a dezoito quilómetros ao sul de Sines, é uma praia de características definidamente marcadas. O nome vem-lhe do seu porto. Porto natural, pequenino, cavado pela pertinácia das ondas contra a rudeza menos dura duma parte estreita da costa rochosa.

Em todas as tardinhas, de mar bom, dezenas de barcos, a remo, à vela, e a motor saem para a pesca nocturna, sempre na expectativa própria, duma manhã feliz, e, quando o arrebol matutino começa a perder a beleza das suas cores marítimas e celestiais aí vêm eles, Porto Covo acima com o peixe fresco, a saltar.

Porto Covo tem várias praias de larguras que vão dos cinquenta aos quinhentos metros construídas pela luta brutal do mar contra a rocha menos brutal. Abundante em penedia que entra mar adentro, na maré baixa, é para os rapazes delicioso recreio de horas inesquecíveis. Pesca ao anzol, à mão, e até submarina

tem sido por eles ensaiada e praticada.

Os indígenas são o protótipo da boa gente alentejana. Pobres, duma pobreza rude e ao mesmo tempo fidalga, têm bem definidos os traços psicofisionómicos que o bom influxo do meio ambiente lhes marcou e eles conservam ainda virgens.

Mal chegamos, esta gente rodeou-nos de carinho e atenções. Fomos os seus meninos. É nosso um da terra e por isso o povo notou a diferença do abandonado para a do amparado. Cada casa trouxe o seu presente! Fidalguia rara em nossos dias! Batatas, couves, tomates, cebolas, frutas,

dinheiro, etc.! Presentes brotados de uma beleza de alma, onde Deus tem apenas o seu influxo natural, mas onde não entrou ainda a maldade da civilização descivilizada.

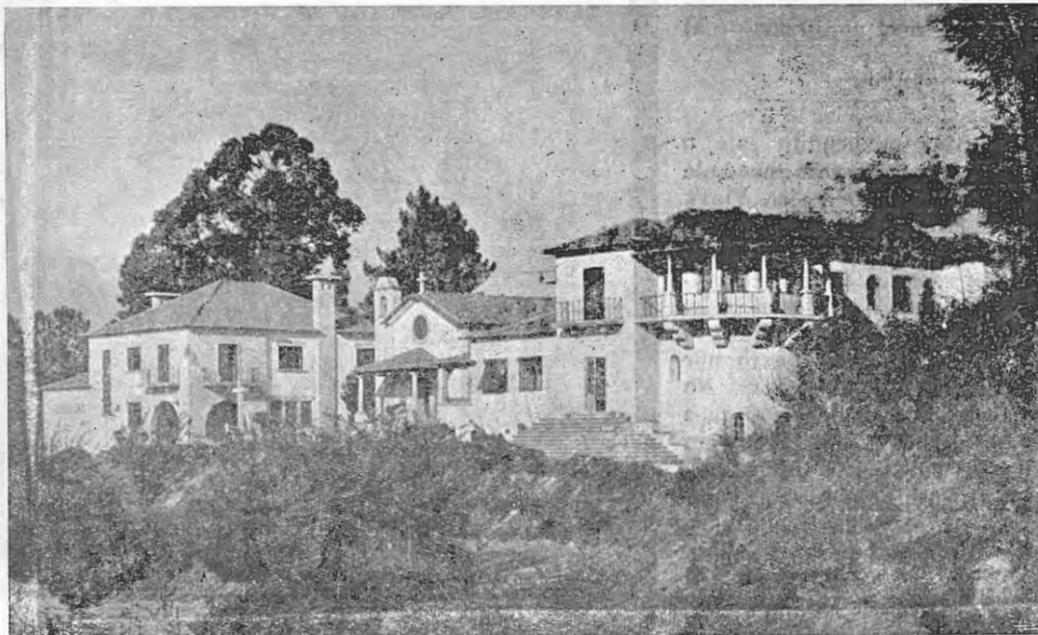
A nossa vida tem sido, como sempre e em toda a parte, posta a sol e dela veio a novidade: — É que os rapazes é que se governam!

Não vieram cozinheiros, nem dispenseiros, nem criados, nem vigilantes, nem encarregado, nem director. Vieram os rapazes e eles são isto tudo para e por eles mesmos. O povo foi testemunha, veio observar as casas limpas, continua na página quatro

Quem pode não prender seu coração a esta grande beleza? Mansão de Paz, onde o nauseabundo, o lixo social, a chaga humana, é tornada em viçosa flor.

Enquanto o homem procura a todo o transe as conquistas espaciais, de mundos diferentes, as Casa do Gaiato entram nas almas para conhecer os homens e revelar ao mundo novos mundos, horizontes novos!

«Os Encanecidos»





NTEM entrei no hospital de Santo António do Porto. Vezes sem conta o tenho feito e quase todas pela mesma razão: recambiar doentes incuráveis e abandonados. A história dos que ali me levam, com raras variantes, é sempre a mesma. O paciente dá entrada. Vem o diagnóstico. Sucedem-se conferências. O mal declara-se incurável. E logo o doente tem alta. «Que não podem tê-lo ali» (ou não querem — nem sei bem qual dos verbos deva empregar). «Não podem» é mais suave.

Ora as enfermarias apresentavam-se repletas. Aqui e além, «este doente é para V.». Não tive porém, coragem de confirmar um só caso. Vontade sim, de carregar os indigitados, que sei em breve coagidos a sair. Mas não podemos nem devemos de forma alguma tornar o Calvário armazém de paralíticos e cancerosos. Se todos os doentes anseiam carinhos, estes sobremaneira. A nossa maior dificuldade consiste precisamente encontrar quem se queira doar em oblação permanente e amor total aos pobres enfermos. Os menos inválidos não se poupam a esforços e entreaajuda. Contudo, falta o braço que possa erguer e lavar e limpar e confortar os mais diminuídos; a alma forte que vele noites seguidas ao som de gemidos e ao sabor do mau hálito que por vezes se exala de úlceras purulentas. Quantos doentes não aguardam a hora de quem se lhes consagre entre os milhões de portugueses! Chega frequentemente o correio com donativos. Mas não há indícios de aparecer a doação inteira, duma vida. E quem diz uma, diz duas ou mais. Porventura, não possuirá já o cristianismo a força capaz de arrancar vidas ao comodismo, ao mundo

CALVÁRIO

do bem-estar para o martírio lento duma entrega ao serviço dos outros? Nunca nos ganhámos tanto como quando nos sabemos perder. É do Evangelho. Mas quem está disposto a deixar pais e irmãos e amigos e haveres e tudo para se dar a esta causa? O correio, repito, chega diariamente com dinheiro. Traz-nos metal, prata ou papel, nada mais. Neste momento porém, o Calvário exige maior valor — uma vida.

A ti, que isto lês, direi que no Algarve encontra-se uma paralítica à espera, dois entretidos na Parede, cancerosa em Santarém e com idêntico mal muitos no Porto e por este nosso Portugal fora. Espero confiadamente no Senhor, mas tenho pressa, mesmo muita, que os doentes não se calam: «Então quando vem por aí buscar-me?» Se nos vissemos na situação em que eles se deparam, como seríamos exigentes. Mas não, por Deus, — daí o sossego.

★

Entretanto, bendito seja o Senhor pela imensa bondade com seus filhos doentes. Viúva de Lourenço Marques toma a resolução de aparecer todos os meses com seu óbulo. «Humilde portuense» com cem. Helena de Lisboa com o aumento do ordenado «que quero pôr a render no Calvário». No Banco da Providência o juro é de cem por um. Mas quem compreende esta doutrina? «Portuense qualquer» volta com as migalhas habituais.



O que nos dão no Tojal

Estes meses de verão, como é costume, foram de muita ausência. Nós confiamos em Deus e no pouquinho que vem. Peditórios nas praias só em Peniche, donde a caridade do Sr. Prior e a generosidade do povo nos fez vir com cerca de três contos. Temos ainda Nazaré para meados do mês. As despesas da casa, porém, aumentam. A montagem da carpintaria e da tipografia levaram muitos contos. A maior parte ainda não está pago. E só o poderá ser conforme o dinheiro fôr chegando. Se não fosse o crédito dos nossos fornecedores nós não podíamos. Eles esperam pacientemente, como nós, da generosidade dos nossos amigos. Esta casa do Tojal teve-os grandes desde a primeira hora.

Se esquecidos ou preocupados com outros problemas, esperamos que estas notícias espertem a fogueira da sua amizade e, sobretudo, que a cidade de Lisboa, acorde em salutar competição com Coimbra, Porto e Setúbal para esta sua Casa do Gaiato...

Parcelas de 200\$ e 100\$ para a casa «Ouvi-me, Senhor». Em comunhão com os nossos doentes, assinante, doente há um ano, envia cem mais suas penas. Cruz, da Beira, 500\$. Uma agradecida 30\$. Alice do Porto 500\$ em acção de graças. Um António 100\$.

Braga com 40\$. Ermezinde com 100\$. Gaia com igual quantia. Lisboa com 200\$. Ovar com dez vezes menos. Igual soma no Porto e em P. Sousa. O Porto torna com 100\$. Macieira de Cambra com 1.500\$ e grande silêncio. Eis a maior valia, a discreção.

«Vou mandar todos os meses 20\$». É gente do Porto que fala. «Para ajudar a minorar o sofrimento dos doentes 100\$» — torna o Porto a bradar. Por intenção de meu marido 150\$. Como «vivo tão cheia de aflições» 100\$. Mais acção de graças. Doente pede a esmola da saúde. Mas só o Senhor conhece o que melhor nos aproveita! Mais outra doente com o sacrifício de sempre. Por intenção do Sr. Agostinho, canceroso que Deus nos chamou no passado mês, 600\$. De V. Formoso «em nome de meus três filhinhos 60\$». Assinante com 25\$. Outro com 100\$. «Para os que sofrem no Calvário» 30\$ e mais 10\$.

Padre Baptista,

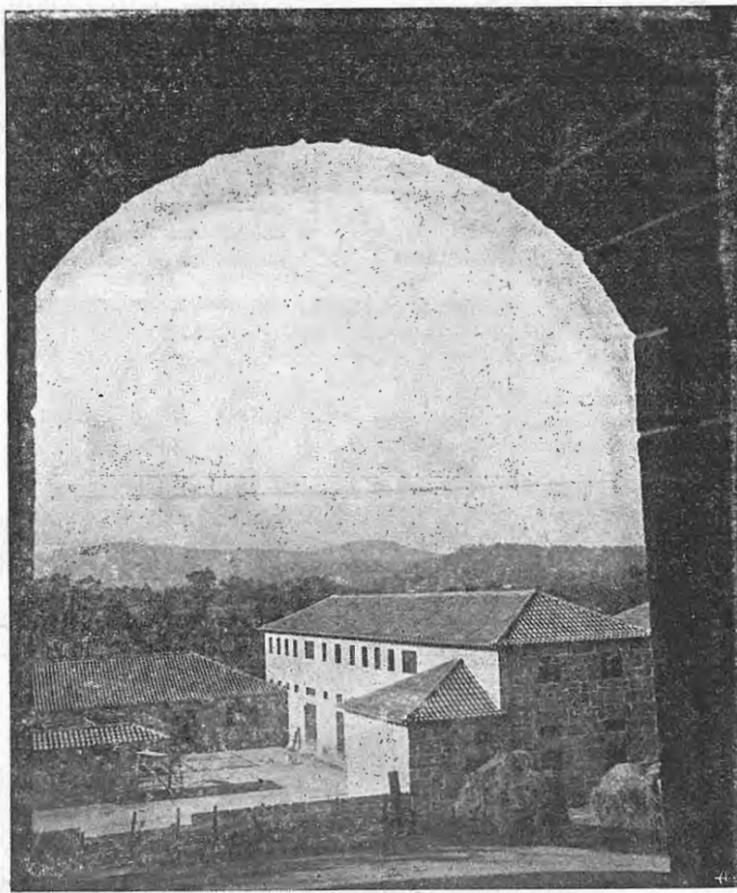
Daqueles que nos amam recebemos desde Maio o que segue: Duma senhora 14 pares de peúgas e uma muda de roupa para um vendedor. As. 6164 50\$ e outra com 25\$ que não disse quem era. Mais dois pares de sapatos. No Lar apareceram várias pessoas com roupas e calçado. Esperamos que na volta das praias recomecem estas ajudas. As roupas dos vossos filhos fora de uso, são o forte dos nossos. Não há nenhum que não traga roupa que nos deram. Um ass. com cem. J. A. T. S. 150\$. Duas vezes por semana dos talhos do nosso vizinho Snr. Pardal, vem adubo para a sopa. Há alguns meses que ela é muito mais saborosa. Muito obrigado. E também um obrigado ao Snr. Rodrigues que nos faz a debulha do trigo por metade do preço. Graças a Deus este ano a nossa seara não foi das piores. Mas tivemos menos três toneladas que o ano passado. Quer dizer que para haver pão até ao fim do ano temos de comprar mais sete toneladas de trigo. E o dobro delas de batatas porque este ano estragaram-se todas.

Uma visita do Liceu Pedro Nunes com roupa, calçado, e setecentos e tal escudos. Eu queria ver este ano os Liceus todos de Lisboa a ensinarem aos futuros responsáveis da Nação os reais e mais palpitantes problemas dela.

Um Senhor que achou feias as nossas camas deu setecentos mais mil para tinta. O peditório em Fátima feito ainda em Maio deu-nos 27.391\$60 mais um anel e uma pulseira tirada do pulso com corajoso desapego. Ela vinha rebentada. Quantos cingem pulsos e pescoço com elas e são cristãmente uns rebentados. Ouro, jóias, pequenos deuses de vaidade. Só o fogo os destrua. Oxalá não seja o da maldição.

Dos Professores Primários de Sacavém, 275\$. Um agradecimento aos Snrs. Drs. Marcelo e Ribeiro dos Santos pelo interesse nas operações de três dos nossos Rapazes. Empregados da Mobil vieram nestes meses com 2.768\$, 1.422\$ mais 1.134\$ e mais quinhentos pela colaboração dos nossos Rapazes na campanha de segurança no trânsito da Marginal. Duma Senhora, 2 casais de coelhos e mais dois da minha terra e mais três que roubei ao Padre Fatela em Beja. Pois todos foram levados pela doença. E. Fragoso, 40\$. Mais vinte em selos. Pelo correio, um embrulho de roupas. Da Purfina,

500\$. Para ajuda das tijelas de café, 70\$. Só havia trinta e agora já não há o dobro. Estou à espera que cheire a Natal para ir bater à porta da Senhora da Fábrica de Sacavém. Duma que fez camisas para nós, 40\$. Visitantes com vinte e a ass. 17750 para uma Missa, com 30\$. «Meu e dela para o que mais entender, 20\$». Para o Pobre de Monsanto, 100\$. O peditório em Santa Isabel, feito em Maio ainda, 4.768\$. Da Rua de Buenos Aires, 3 sacos de pão e quinhentos e doutra vez muitos sacos do dito. D. Emília para o Património, mensalidades de 50\$. E esta carta com uma nota dentro: «Pelo meu noivo e por mim com o pedido de que rezem por nós». Uma carta sóbria, uma letra correcta e um amor perfeito. Mais dum casal que precisa muito da ajuda de Deus. De C. Vilar para a Conferência, 50\$. Tão esquecida ela anda! Se nós assim esquecéssemos os Pobres... não seriam eles a nossa força. De Maceira Liz, para o pobre de Monsanto, 100\$. Da Rua dos Açores, mil. A. Santos, cem no Banco. Por intermédio do Senhor Jorge Filipe, do Banco de Portugal, cem, satisfazendo uma promessa. Professores que visitaram a nossa casa, 176\$. Duma antiga professora, 500\$. Peditório em Junho, em Santo Condestável, 7.435\$20. Excursão de Caselas, 80\$40 e muita mercearia. Naquele dia a dispensa ficou cheia. Bem haja aquela Senhora que tanto ajuda os seus Pobres e os ensina a ajudar-nos. De A. R. para a Curradeira e para o pobre de Monsanto, cem. E 550 duma promessa de Carlota de Santa Iria. Quintanistas do Gil Vicente, 900\$. Anónimo que por cá passou. 1.757\$90. Uma assinante mil para o Património dos Pobres e mil para a Casa. Prestação doutra, 20\$. V. com quinhentos e cem «pelos momentos de tranquilidade espiritual que o pensamento da Obra da Rua prodigaliza». Empregados da Nestlé com 169\$ e mais 172\$50. De uma estudante para a Casa do Gaiato, 300\$. «Uma pecadora reconhecida» no dia da morte de Pai Américo com 50\$. Foi a única que se lembrou de nós nesse dia. De Lisboa muitos pneus; e cem escudos para os coser aos sapatos. Só dum Senhor de Queluz vieram doze! E doutro Senhor, um auto-móvel muito antigo e muito grande, muito bom mas que não serve para nós. Pena! Logo que chegue será posto à venda. Mais uma camisola e outra e uma telefonia que foi para Azurara e um grande pacote de roupa. No Lar, 50 por S. Nuno e mais 50, e duma promessa e para o que for preciso, 500\$. De Liliana, cem. Para bancos da sala de Televisão, 500\$. Ai se não houvesse outras necessidades, já há muito estariam feitos. De Simbra, 50\$. É a primeira vez que se ouve falar aqui desta terra. Não deve ser pessoa de lá. Da Senhora que trouxe as bolas pelo Natal 20 para rebuçados e 70 mais mil. Doutra Senhora



Cresce o orbe da Obra da Rua! Eis as instalações agrícolas da Casa do Gaiato de Beire!

TOJAL

Acontece-me muitas vezes não saber o que devo fazer, quando me proponho escrever para o jornal. São tantos os pensamentos que ocorrem ao espírito, mas nem todos podem transmitir-se; são tantos os acontecimentos que o espaço cedido no jornal não chega. E daqui, grande confusão de partidos de várias opiniões: «Podias escrever isto; porque não falaste daquilo; tu foste o culpado de não nos atenderes». Afinal quem tem a culpa? Como a maior chega coube à Conferência aqui ficamos para me desculpar esperando outra «grande» a tomar vez.

Não foste tu quem sentiu esta atracção; outro é que a experimentou e te disse o seu amor, a necessidade e vantagem. E tu seduzido só pelo desejo amargo atendeste às tuas paixões. Lembraste-te desta façanha? Talvez confusa! Porque te sentiste atraído sem veres que esse trabalho seria supérfluo? Encontraste encantos e delicias-te ao passar desviado donde o teu amor era para ali, naquele momento.

Ele, talvez já velho, isolado sobre a terra, frustrado no amor teu que já não existe, pensa em íntima comoção fazendo breve a hora que deverá verte e encontrar-te. Ao menos apresentate. O meu Pobre diz tantas vezes: «Não me deixe sem vê-lo ao menos uma vez por semana». Eles não são senão o exemplo e nós os necessitados. Rejeita as más companhias e desfaz a pressão das tuas paixões vis. Olha, que há quem precise de ti e tu dele. Sente-te orgulhoso disso. No meio em que vives tens responsabilidade. O teu exemplo consegue passar da indiferença ou da hostilidade à confiança e ao amor de Deus e do Pobre.

Zé do Porto

PAÇO DE SOUSA

ORQUESTRA. Foi a orquestra Infantil da Casa Pia de Beja que nos visitou, dando para nós e para os de Beira uma festazinha mui bonita.

Gostamos imenso da boa e bem executada música, sobretudo quando números do nosso tão rico folclore. Fizemos aqui muitas amizades e os nossos ficaram com pena de não terem também uma orquestra. Temos a dos «Amigos do Pagode», mas... basqui-rfónica!

Cumprimentamos o Senhor Padre Joaquim Fatea que vive longe, mas muito pertinho de nós. Saudamos os seus rapazes pela maneira elevada como se portaram, tornando-se belos embaixadores da Casa Pia de Beja e pela Orquestra que na realidade é magnífica.

TELEVISÃO! Para Paço de Sousa já vieram alguns aparelhos de Televisão, mas o Senhor Padre Carlos para nos afinar mandou-os para as outras Casas e nós ficamos descalços.

de promessa, mais 500\$. Meu dela para o que entender, 20\$ em cumprimento duma promessa. 50\$, duma admiradora da Obra.

Da Azambuja, igual. Um cheque de África com mil. Visitantes com mil mais cem e cem. Um devoto do Sr. Padre Cruz, 200\$. Engenheiro Mourinho, trezentos e cem cada mês. Muita devoção. Da Sapataria, 40\$. Uma promessa que devia há muito, mil. Pela segunda vez em cumprimento duma promessa, toalhas e camisolas interiores e promessa de voltar.

Da Caixa Postal 151, cem angulares que só deram 94. Liga Operária Católica F. da freguesia de Fátima, 160\$.

E foi tudo. Pelo que veio e há-de vir, mil graças a Deus.

PADRE JOSÉ MARIA

Quem levanta o dedo? Agora quem vem o inverno não era nada mau!

FUTEBOL. O G. D. da Casa do Gaiato ainda não perdeu esta época. Não está em grande forma, mas os jogos têm calhado menos mal.

Não faltam convites. Vamos jogar com o S. C. Vila Real, reservas do F. C. Porto, F. C. Amares, reservas do S. Clube de Braga, não falando em muitos e muitos outros!

COISAS! Brincadeiras, elas e elas. Algumas sem piada nenhuma, mesmo: em brincadeira, o *Cupa* deu com o hico da faca na barriga do *Zé Caraças*.

— Ai que estou morto!

— Ai que lá vou eu!

Dizia o *Zé Caraças*, mas como o não levaram muito a sério ele teve de ressuscitar.

— Ai que estou tão mal!

— Que vai ser de mim se vou ficar aleijado!

Mal dizia isto, viu o *Inimigo* e toca de correr atrás dele:

— Antes de morrer ainda te hei-de dizer como é. Vais ver!

Pois *Zé Caraças* é um grande número. É da cozinha. Lá continua. Afinal ainda não morreu. O que morrem são os pratos que faz embarcar pelo estreito e o resto são cantigas!

PENEIRAS! Luís de Carvalho é um dos que tais. Quim Pequenito não fica atrás. O Grilo na mesma. Até o *Zé da Nela* já está a ficar com algumas.

Mas o Luís de Carvalho é o tal que quer mandar chover:

— Que rapazes tão feios!

— Queres vir para meu criado? Ando sempre bem vestido...

— Tens um lindo cabelo, mas o meu não fica atrás!

— E eu? Só me falta o automóvel!

Concluindo: Se as peneiras fossem música teríamos uma grande orquestra, com maestros de muito valor!

«DIÁRIO ILUSTRADO»! Continua a vir para a redacção da «Voz dos Novos» este importante vespertino que se publica na Capital. Jornal bem feito. De gente nova cheia de vida. Um jornal bem português e para Portugal.

Cumprimentos para Nuno Rocha, Miguel Serrano, saudações para todos, dos Gaiatos.

QUEM! Sem ser o Pequenito. Portanto, Joaquim Pereira!

Quando vens, seu tártaro! Olha que temos a impressão que anda gente nas tuas quintas. Ainda ontem fomos a Recarei e vieram cumprimentos para ti e para o Vicente. Vê lá se abres os olhos, quando não, não dá nada.

O Tojal está no mesmo lugar? Fânhões continua em forma? E o Condado de D. Cândido Pereira? Já começou com os treinos? Cá os esperamos apanhar pela frente!

CAMPO! O Serafim, o segundo, diz que este ano vamos ter muito feijão, milho e vinho!

— Quando não está o primeiro entra logo o segundo!

— Andamos nós a trabalhar todo o dia ali no campo para vós irdes comer as uvas! Porque não comeis a palha?

AVANÇO! Satélites, foguetões e seus derivados! Também cá em casa se está avançando no domínio da técnica satelitiana, astronáutica... É até muito provável que qualquer dia Calves esteja conquistado, visto na lua já andar meio mundo!... Para trás já ficaram as minas do arame farpado. O que se segue?

MENINOS-BEM! Estes é que são de ideias avançadas mas o que eles precisam é de um pouco de ar de sombra, viradinhos para a parede! Agora estão mal muitos e já não se safam! Façam-se finos e depois contem o resultado.

Daniel

CRÓNICA DE S. DOMINGOS

Para repousar um pouco o Senhor Padre Manuel António escolheu o Monte de S. Domingos, que fica em Fontelo — uma dezena de quilómetros

acima da Régua. Como não gostava de passar estes dias isolado, escolheu dois rapazes de Paço de Sousa — eu e o Jaimito — e o cozinheiro de Beira, o Sedielos, para lhe fazermos companhia e aproveitarmos este descanso para ganhar novas forças.

Antes de sairmos de cá fomos despedir do Senhor Padre Carlos e cê incumbiu-me logo de dar algumas notícias de lá aos leitores, embora eu tentasse safar-me deste serviço.

Passamos por Beira para o nosso cozinheiro se meter no carro, pois sem ele nada feito. Logo no princípio da viagem começou a notar-se boa disposição em todos e muito em especial no chauffeur — o Carlitos — que se mostrava satisfeito de ser doente do figado, para ir passar uns dias ao Gerês. Andados já alguns quilómetros encontramos um lavrador com melões e parámos. Já lá estavam uns senhores num belo carro a fazer negócio, mas o lavrador pediu-lhe um preço alto por um melão. O dito carro voltou para trás e ao passar pelo nosso, o motorista saiu-se com esta: «Ele pensa que somos estrangeiros. Quería um melão por 30\$00!» O nosso cozinheiro que parece ter queda para negócio foi lá e trouxe um, embora mais pequeno que o outro, por 3\$00. A viagem continuou na mesma, todos bem dispostos e a certa altura o nosso Morris parou num lugar fresco e jeitoso para descansarmos e entretermos o estômago. No fim disto, metemo-nos a caminho, pois não podíamos perder mais tempo. O Senhor Padre Manuel não cessava de perguntar ao Sedielos, que já lá tinha estado o ano passado com o Senhor Padre Carlos, se faltava muito, se o monte era aquele que ele avistava. Por fim lá se conseguiu ver o monte e a nossa chegada deu-se. Em primeiro lugar fomos cumprimentar o Rev. mo Senhor Padre Duarte, Pároco de Fontelo de S. Domingos e nosso velho amigo. Entramos em sua casa e pouco depois ele chamava-nos para a sala de jantar para tomarmos novas forças. O Carlitos mostrava-se com bom apetite e o Senhor Padre Manuel recusava, mas ao fim e ao cabo ninguém se fez rogado. Depois disto toca a encher o carro com cobertores, lençóis, travesseiros, fogueira a Gascidra, que é uma categoria, e lá subimos o monte com alguma dificuldade pois o caminho não nos era muito agradável. A chegada à Casa Abrigo em jeito de moínho, o Senhor Padre Manuel exclama: «Mas é aqui que vamos ficar?» Depois entrou lá para dentro e calou-se. Ao lado do moínho, umas dezenas de metros acima, fica a Capela de S. Domingos. Daqui, avistamos a bela panorâmica. A nossos pés fica Fontelo, Régua e mais além Lamego e o Marão rodeado de várias aldeias engraçadas, pelas quais o Rio Douro corre com as suas águas muito barrentas.

Mas vamos ao que interessa. Em primeiro lugar puzemos a casa em ordem e marcamos os serviços, pois estes tinham que se fazer e nós não temos criados. No fim, com todos de acordo, ficou assim: cozinheiro-mor, Sedielos; suplente, Sr. Padre Manuel; a lavar *discos*, Jaimito e eu ficámos a fazer a facina das camaratas. O Carlitos, mal nos deixou, seguiu logo para Paço de Sousa com o Morris. Também se marcou o horário que andou perto ao habitual da nossa casa.

Entretanto os dias iam correndo como de costume. No dia 8, conforme o nosso desejo, fomos até Lamego assistir às festas de Nossa Senhora dos Remédios. Como o nosso carro tinha ido para casa, nós tratamos de conquistar o Senhor Padre Duarte para lá nos levar no seu carro. E assim foi. Metemo-nos lá dentro, ele ao volante, e toca a caminhar. À ida para lá passamos por Salzedas para visitarmos o Mosteiro que lá se encontra. De facto este Mosteiro vale a pena ser visitado. Porém, o nosso desejo era Lamego e passados escassos minutos lá nos encontrávamos. Quando lá chegamos tratamos de arranjar lugar para apreciarmos a procissão. Coisa curiosa: os andores vinham todos puxados por bois, coisa única no nosso País. Acabada a procissão fomos visitar a Capela de Nossa Senhora dos Remédios que fica ao cimo da cidade. No fim da visita viemos para baixo e fomos comer a casa duma irmã do Senhor Padre Duarte. Ali comemos do bom e do melhor e o cinto ficou mais justo.

Acabada a refeição fomos dar uma volta pela cidade apreciando a iluminação das festas que estava muito gira. Entretanto a noite ia avançando e nós fomos despedir a casa das pessoas aonde comemos e regressamos a casa já altas horas da noite.

Passados 15 dias da nossa estadia lá, chegou-nos a notícia inesperada de que iam embora nesse dia, depois do almoço.

Seria uma injustiça terminar esta crónica aqui sem deixar de agradecer a todos quantos trabalharam para nosso bem. Uma palavra de agradecimento para o Senhor Padre Duarte, Senhor Manuel e sua Esposa, Senhor Manecas e duma maneira especial a todo o povo de Fontelo que se mostrava acolhedor para connosco, não esquecendo também a família de Lamego onde fomos comer. Um muito obrigado a todos.

José Adolfo da Silva Gomes

Venda no PORTO

No número 401, visto nós queremos mudar alguns rapazes da venda, recorreremos a rapazes novos, mais esportivos, para depois ocuparem as vagas deixadas por aqueles que iam abandonar. Nessa mesma quinzena, foram para a rua novos e velhos. Os que saíram levavam um dos que entraram para lhes ensinarem a vender e ao mesmo tempo para lhes ensinarem os fregueses.

O sangue novo foi: *Lindoso, Preto, Melo, Zé Maria* e Américo.

Foram pouco além dos 4.000. A nossa vontade era não tirar ninguém da venda, só por causa das dores de cabeça que nos atormentam. Mas digo o que aqui já disse: a culpa não

é dos compradores, é nossa, dos vendedores, e a prova é uma carta que recebemos, da qual damos algumas passagens:

«Aproveito a ocasião para prevenir V. Ex. cia que os rapazinhos que vendem no Porto, apregoam sem calor, sem entusiasmo, são muito parados». E ainda: «Mas francamente os Gaiatos não vendem bem». Ora, rapazes, precisamos que nos previnam?

Senão, porque não lanças mãos à obra e te dedicas mais à venda? Envergonhamo-nos de outros nos dizerem que estamos mal. Dizia ainda a carta: «De vez em quando ainda os incito a despertarem os compradores...». Ainda não sei a opinião do Sr. Padre Carlos, mas segundo leio no seu pensamento, a vontade dele, era que os senhores dessem um castigo àqueles que por acaso dessa maneira procedam, e lhes fizessem ver que desse modo não conseguem nada.

Camisola amarela: Com a saída do *Marmelo*, (sem dúvida um bom vendedor), a camisola amarela passou para o *Bombeiro*. Vou ver se arranjo uma camisola amarela para que o *Bombeiro* possa envergar, quando for vender para o Porto.

Agradecimento: Não é a primeira vez que alguém apresentava um dos nossos vendedores.

Tem acontecido com o Banco Nacional Ultramarino que tem oferecido prendas. O último foi o *Russo*. Também nem só o dito como a Tranquilidade, que também ofereceu ao nosso embaixador, e agora a vez chegou ao *Cocas* ser beneficiado. Desta feita foi o Sr. Costa que lhe ofereceu um relógio.

Julgo que todos estes nossos rapazes já agradeceram, mas não fica mal, aqui nestas colunas o agradecimento. Obrigado Sr. Costa em nome do *Cocas*. Obrigado a todos.

Alberto de Oliveira Ramada

Ares do Gerês

De novo nesta estância de repouso. Os nossos maus fígados assim o pedem e nós temos de obedecer.

Não fomos muito felizes na altura, pois uma chuva miudinha tornou melancólica a serra, tristes os hotéis e pensões, mais anémicos os homens bons, de maus fígados!

Vem-nos à lembrança Pai Américo, as suas amizades no Hotel Universal, família Baltazar e demais pessoas. Os seus pequeninos passeios nos parques onde apreciava as doces águas do rio, que nos ceciam a mesma mas sempre nova canção. A maneira como se extasiava a contemplar todos os recantos da serra, fontes, albufeira da Caniçada. Ainda estamos a vê-lo, juntamente com as pessoas que nos rodeiam, tudo amizade, passando, conversando com os Pobres, vendedeiras de fruta.

Todos estes recantos são recordações dele. São pedaços dele que a saudade nos deixou por herdeiros. Em todos os lados onde pulsou o seu coração, os vestígios do Amor são evidentes. A força é notória. A atracção dos sentidos é imensa! Como é belo recordar os entes que nos são queridos! Quão presentes são as suas palavras aos nossos ouvidos!

Lembramo-nos das suas palavras. Os Pobres — o nosso tesouro. O Câmbio com que compramos os dons da Providência. Por isso a obra é tão

pobre e na sua essência tão rica. Não tem ouro, grandes proventos, tampouco rendimentos certos. Não tem nada e tem tudo.

A chama que anda no seio dos Pelicanos precisa de ser comunicada, para que o mundo seja melhor. Há ansia e é preciso conhecer a verdade. Demos aso a que todos vejam e vivam. Caia a máscara em que andamos envolvidos e pensemos que amanhã é por nós ou contra nós — um novo dia!

A Obra da Rua é lume novo. Página vital contra o desamor dos homens. Abram a nova página. Leiam. Meditem. Quando deixaremos de nos enganar a nós próprios? Quando o lixo social se levantará contra quem o produz!...

Os morcegos só vêm de noite. O mundo é cada vez mais mundo, porque só procura o mundo.

Pensamentos à deriva que a ocasião e o lugar nos sugerem...

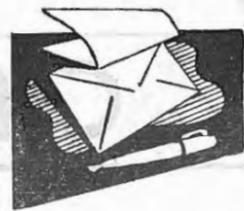
Lembranças de Pai Américo que ano após ano se adensam em nossa mente porque o tempo nos amadurece e faz sentir mais perto o pulsar do seu coração.

Daniel





VISTAS DE DENTRO



Uma Carta

HÁ momentos apareceu aqui uma turma de alunos do Soares que andava a monte desde o sábado passado.

Soares nem sei se por doença se por mau hábito, faz em qualquer parte todos os serviços. Pois mal luziram os primeiros arrebois da manhã, Soares, que tem a noção do que merecia, pôs-se ao fresco antes que o chefe desse pela bonita obra. A noite seguinte à hora de deitar nada de Soares... Quim mais eu e Saraiva, andamos com a pilha do guarda nocturno, fazendo uma busca... e nada.

Ninguém mais soube do Soares. Até que esta manhã a turma aqui presente foi dar com ele escondido atrás da eira.

Nunca saiu da quinta, mas vinha sujo e magro. Por alimento foi às maçãs e às uvas. Mas três dias neste regime foi um jejum.

Mandei chamar o Quim, seu chefe, e não foi tarde nem cedo—foi logo ali umas boladas no rabo.

Vamos a ver se Soares ganha juízo e aprende a utilizar o W. C.

★

EU costumo guardar na gaveta do correio alguns selos dos que vêm a pagar assinaturas ou por doativo. Guardo-os para mandar aos tropas quando lhes escrevo.

Pois, ultimamente, eu notava que o meu fornecimento era desfalcado. Vai-se a ver e os próprios tropas é que fornecem a pista. Cada um tem os seus compadres com quem se correspondem mais amiúde. Ora: ou eles pedem aos compadres, ou os compadres gostam de fazer uma franqueza ao amigo...—o certo é que não sai carta daqui sem levar selos por fora e por dentro. Como, porém, eles não nascem por aí, há que buscá-los algures.

E algures vim a descobrir que era a minha gaveta do correio. E eu tanto tempo sem saber que era comido por duas bicas!

★



O tempo de férias está exalando os últimos suspiros.

Este ano, nós todos, que já há muito não sabíamos o que era um pequeno período de descanso, obrigámo-nos a cumpri-lo. Foram quinze dias a cada um.

Padre Manuel escolheu Fontelo de S. Domingos, um dos lugares mais sossegados e de mais lindo panorama que eu conheço—como em outro lugar se diz.

De lá escreveu cartas muito bonitas e poéticas... como esta:

«Estou sozinho. O ninho foi desfeito por algumas horas. Os três pintassilgos foram dar um passeio pela Régua. Eu fiquei. Seria um dia perdido no meu descanso, por isso preferi ficar. Levaram farnel e regressam da parte de tarde. É uma manhã sublime de domingo. Um lençol tecido de nuvens brancas estendido a nossos pés. Queria ter asas para voar. Oiga: um rancho de raparigas canta ao desafio lá no fundo. Um bando de perdizes poisadas nos penedos convida a uma caçada. Estamos no tempo do defeso, senão...

Tenho brincado muito, demais até, com certeza. Tenho sido pior do que eles, neste aspecto. Temo-nos fartado de rir, à custa do Sedielos. É a sua ingenuidade... e nós somos maus... Ontem fomo-nos confessar a uma povoação vizinha. À vinda fizemos tropelias sem conta! Que vida! Não pode ser, mande-nos buscar depressa senão depois não nos atura. Senhor Padre Duarte é um Santo. Era minha vontade dar-lhe tu-

do o que ele pedisse. Abraços de todos.

P. S.—já me esquecia de dizer que hoje sou eu o cozinheiro.

Padre Manuel»

Mas não foi só Padre Manuel o meu correspondente. Fabião, seu companheiro, a quem eu chamo o meu inimigo n.º 2, sempre se resolveu a dar um arzinho da sua graça. Ei-la:

«Em primeiro de tudo espero que o Senhor Padre Carlos se encontre feliz, porque agora está mais aliviado. Faltam aí os 3 primeiros inimigos do Senhor Padre Carlos. Eu cuido que sou o 2.º mas não me zango nada com isso. O Quim tem dado conta do Jornal na máquina? E a malta de lá também não tem deixado o serviço atrasar? São tão poucos os três para uma oficina como a nossa!

O Senhor Padre Manuel tem andado muito aflito. De noite dorme pouco e sonha sempre alto. Mas no comer é sempre um prato, quando não são dois cheios, e ele porta-se muito sério. O Sedielos tem-se exibido bem e no domingo experimentou-se o forno e deu resultado. Quanto à crónica isso é um caso muito sério. Vou ver se engulo a pasta ao Sedielos que se tem portado um bom cronista no nosso Jornal.

Vou terminar este postal sem o chatiar mais. Saudades para toda a malta e em especial para o Senhor Padre Carlos deste seu inimigo n.º 2!!!»

Ora vejam os senho-

res como é a nossa vida!

★

NESTA altura do ano é sempre o acto mui solene e importante da entrega das cartas com os desejos profissionais dos que em Julho passado fizeram a 4.ª classe.

Na falta de um Instituto de Orientação Profissional, regulámo-nos pela vontade manifestada por cada qual, na medida em que nela não descobrimos capricho ou inaptidão para o trabalho escolhido.

Depois, a experiência de alguns meses ensinará se a escolha foi ou não acertada e é sempre tempo de voltar atrás.

Pois estas cartas, são algumas delas curiosas pela espontaneidade e filosofia de cada um.

Ora queiram ler uma amostra se fazem, o favor:

«Sr. Padre Carlos:

Eu, José Valentim Pereira, «Russo», desejava que o Senhor me desse uma alegria ao pronunciar um sim ao meu pedido, quando for a distribuição de empregos aos que agora fizeram exame.

Já tenho 16 anos feitos no dia 11 de Janeiro, e por isso, noto em mim uma mudança para começar a entrar no rapaz-homem, e como assim eu tenho preferência de ser «TIPÓGRAFO».

Muito me alegrava, se um dia me encontrava no lugar que quero ter. Sim, ser tipógrafo, dava-me uma grande alegria.

Despeço-me para já; este que lhe beija a mão

José Valentim Pereira
«Russo»

Conferência da Nossa Aldeia

Depois de uns meses de ausência, por falta de saúde, eis-nos outra vez marcando presença no nosso querido «Gaiato».

Graças a Deus que, durante este lapso de tempo, algumas das presenças habituais não têm faltado. É o caso da assinante 17.022 que vai com 40\$. E o Bêbé n.º 3, com metade. Por alma de Manuel Cruz temos, em mãos, 250\$. E mais 40\$ de Maria Menezes, do Funchal. E 50\$ de Irene Mónica. O assinante 31.856, com o mesmo. África não falta. Ali vive-se, ainda, fervorosamente, do calor que Pai Américo insuflou na alma de todos durante a nossa peregrinação em 1952. Atenção à Beira: «Porque mi-

nha filha Maria do Carmo faz hoje 16 anos envio estes 100\$ para os seus Pobres e peço que reze por ela que está numa idade muito perigosa, para que Nosso Senhor a fade bem». Eis, outra vez, a assinante 17.022, com 40\$. E mais África. É Vila Mariano Machado, com 50\$, do assinante 10.519. De Lisboa 5\$. E os 100\$ do costume do n.º 4.343. Não perca a coragem e a vontade. Sobretudo, agora, nós estamos depenadinhos! Tem sido dar, dar, dar. E, porque as crónicas têm faltado, o que veio não tem chegado para suprir. Outra vez o Bêbé n.º 3 com a importância habitual. Maria Elisa Fernandes, de Lisboa, segue com 70\$. E, ainda, outra vez, a 17.022, com os 40\$ habituais! Isto é que é! Mais África. 30\$ de Monte-

puez, com esta legenda: «É pouco eu sei, para o muito que precisam, mas eu não sou rica e tenho família na Metrópole a quem auxílio, também, porque são pobres». 50\$ de algures. Uma Senhora nossa conhecida, de Aveiro, envia 100\$. A propósito, saiba que o meu rancho subiu, graças a Deus. Tenho mais um rapaz que é um amor! Outra vez Lisboa, pela mão do Eng.º Luciano Faria, com 28\$. E, mais outra vez, o nosso Bêbé n.º 3! Guimarães marca presença com 10\$ de Maria Amélia Castella. E o Porto com o mesmo, de Maria Alzira Pereira. E 120\$ do assinante 19.025, «relativos ao primeiro semestre do corrente ano». Finalmente, 30\$ de Nuno Jorge. A todos, que Deus lhes pague.

Júlio Mendes

Visado pela
Comissão de Censura

urge lançar na vida o mais seguro possível, é um bem inestimável que eu vou apreciando cada vez mais e melhor!) É o requinte deste sim!

Passáramos por lá há poucos dias. Foram momentos íntimos de conforto para a alma. «Saúde e paz na consciência—não é preciso mais nada para se ser feliz». Viemos remoendo. Saúde para trabalhar. A paz que se colhe do pão comido com o suor honesto, da vida empregue em algo que é útil a todos os homens.

Como andam enganados os teóricos do prazer! «Saúde e paz na consciência» — eis tudo. Ó sagedoria!

Aquela tarde quase trouxemos o sim. Para não ser o quase, faltava somente eliminar uma dificuldade, que nos pertencia resolver: o alojamento.

Porém, aquela comunidade de trabalho é uma «família». O Chefe sente-se responsável pela totalidade da vida dos seus. «E onde há-de ele ficar?» Pois tratou disso e eis a resposta com o quase eliminado: «...irá para casa de um operário como ele(...), ficando em família e como tal tratado, com algum conforto mas sem luxo».

Tudo certo. Tudo equilibrado. Tudo ao invés dos extremismos desviados que saturam de insatisfação o nosso mundo.

Que feliz ele seria, se quisesse conhecer o que só o Amor lhe pode dar!

SETÚBAL

continuação da página um

lavadas, as camas asseadas e a cozinha ordenada e apetitosa. Foi um borborinho! Não houve nem gato que não viesse meter o nariz. Temos sido uma palavra nova! A capela vai mais gente ouvir os nossos rapazes a rezar e a cantar em espontaneidade natural fruto do encontro não forçado da alma com Deus. E, quando eles passam, aldeia abaixo, em ordem desordenada, a caminho do mar, abrem-se portas, janelas e postigos para verem os «rapazinhos asseados».

Porto Covo satisfaz-me plenamente. Neste recanto de belezas

ignoradas os rapazes realizam-se sem se destruírem. Praia, nada mundana, porque pouco frequentada, mas sem ser deserta. Os veraneantes são-no mais para descansar do que para gozar. Com atractivos naturais suficientemente abundantes e variados para encherem a imaginação e vida dos rapazes, todos os dias há coisas novas, facécias as mais divertidas.

Desde os que vão para o mar a remo e voltam amarelos do enjoo até aos que experimentam as belezas do fundo do mar na pesca submarina e voltam exultantes das maravilhas submersas e vazios do peixe que viram e gozaram de ver mas não foram capazes de apanhar.

Mariscos de todas as qualidades e feitiços têm sido óptimos aperitivos. Algas de todas as cores e tamanhos encheram os olhos moços dos oitenta e cinco.

Para mim o que mais me deleitou foi experimentar na praia, e em casa, o bom influxo do natural virgem na natureza desnaturada dos meus mais queridos.

Por ele dou Graças ao Criador que nos encaminhava para lá. Pela boa gente de Porto Covo também.

Padre Acílio